

UMA HISTÓRIA DOS MANGUEZAIS DO RECIFE: MEMÓRIAS E ESCRITAS DE SI NO ROMANCE DE JOSUÉ DE CASTRO "HOMENS E CARANGUEJOS"

Bianca Pessôa Guerra do Espírito Santo[1]
Helder Remigio de Amorim[2]

Resumo
O presente trabalho aborda as representações da cidade do Recife, apresentando a trajetória de Josué de Castro e problematizando a circulação internacional. Pernambucano do Recife, onde nasceu em 1908, foi um dos intelectuais mais importante do século XX no estudo da fome e na ação contra suas consequências, assunto que considerava a causa principal do atraso econômico e social do Brasil. Com o golpe de 1964, seu nome figurou na primeira lista de caçados. Exilado em Paris, lecionou na Universidade de Sorbonne, falecendo em 1973, ainda no exílio. Nesse sentido, a partir da experiência do exílio, Castro publica em 1966 essa obra mais intimista, isto é, transpondo suas análises sociais sobre si, ampliando os padrões científicos a partir de suas memórias, onde, frequentemente, retorna à infância e ao Recife, narrando experiências e descrevendo o rio como seu primeiro professor de História do Nordeste, "entrando mais pelos olhos que pelos ouvidos". Diante disso, a pesquisa visa analisar as narrativas produzidas por Josué de Castro, a partir da exploração de fontes documentais do Acervo Pessoal Josué de Castro, salvaguardado na Fundação Joaquim Nabuco e do entrecruzamento com a obra Homens e Caranguejos.

Palavras-chave: Josué de Castro. Homens e Caranguejos. Recife. Fome.

Representações da cidade do recife

> "Bem ao lado da casa começava a zona compacta dos mocambos, das choças de palha e de barro, amontoadas umas por cima das outras num enovelado de ruelas, numa anarquia desesperadora. As casas entrando por dentro da maré, a maré invadindo as casas. Os braços do rio passando pelo meio da rua e a lama envolvendo tudo." (CASTRO, 2001, p. 16-8).

Castro descobriu ainda nos seus anos de infância nos alagados do Recife, a sua "Sorbonne". E foi em Homens e Caranguejos, um romance autobiográfico, que

[1] Graduanda no curso de História na UNICAP, sendo bolsista da UNICAP. Email: biancapges@gmail.com
[2] Professor do Programa de Pós-Graduação de História (Mestrado Profissional – UNICAP), Doutor; Email: helder.remigio@unicap.br



ele denuncia as condições sociais inseridas na realidade dos mangues, por meio da qual procurou estabelecer uma intimidade com a “paisagem negra do mangue” e toda a fome de seus habitantes. É assim que se apresenta o “prefácio um tanto gordo para um romance um tanto magro”. Ao percorrer os lugares dessa memória, ele explica como descobriu a fome nos seus anos de infância pela cidade, e como nunca mais pôde se “libertar de sua trágica fascinação” (CASTRO, 2001, p. 22). Analisando a sua produção literária, observamos que Josué de Castro construiu a sua representação da cidade do Recife, onde com insistência, utiliza o termo “mucambópolis”, exaltando a importância do mangue para a cidade e afirmando o mangue como primeiro conquistador das terras da cidade, sendo assim, Recife, filho do mangue.

As documentações e as estruturas arquitetônicas das cidades são de suma importância como objeto de investigação, contudo, não basta construir esse saber apenas através destas fontes. A memória das cidades está sendo produzida a cada dia. Por isso, temos também que estar atentos ao presente e nos preocuparmos sempre em registrar as memórias coletivas que ainda estão vivas no cotidiano atual da cidade, para que com isso, possamos obter um resultado satisfatório construindo uma representação da realidade. Assim, o espaço construído se propõe como uma leitura no tempo, em uma ambivalência de dimensões que se cruzam e se entrelaçam, ou seja, a cidade é objeto da produção de imagens e discursos que se colocam no lugar da materialidade e do social e os representam. "Os mangues do Recife são o paraíso do caranguejo. Se a terra foi feita para o homem, com tudo para bem servi-lo, o mangue foi feito especialmente para o caranguejo. Tudo aí é, foi, ou está para ser caranguejo, inclusive a lama e o homem que vive nela". (CASTRO, 2001, p. 28)

Josué aborda de forma sensível a pobreza dos moradores do mangue, exaltando sempre a singularidade de suas vidas. Mas, anterior a isso, deixa claro que a fome não era um produto exclusivo do mangue, era um drama universal. O mangue, na realidade, era como uma verdadeira terra de promissão, atraindo, assim, homens famintos do Nordeste, todos vítimas da exclusão social, do isolamento político, fazendo com que embarcassem nas promessas de um futuro melhor.

Esse rico ecossistema de transição entre os ambientes de terra e de mar está



presente em boa parte do litoral do país, porém, Pernambuco sustenta a maior área dos manguezais. O mangue e os elementos pertencentes a ele estão intimamente ligados com a sociedade dos lugares, marca a paisagem, mas também a vida do homem ao seu redor. O mangue é considerado como uma das cinco unidades ecológicas mais produtivas do planeta, é a principal fonte de alimento e sustento para milhões de famílias. Por isso, o mangue é a base da soberania alimentar de muitas pessoas. Acima de tudo, o mangue é território, é um dos elementos fundamentais que sustenta a vida nas zonas costeiras.

Na obra estudada, Homens e Caranguejos, é narrada a história do menino João Paulo e de sua família, eles migram do sertão para viver nos mocambos dos mangues. E, a partir da visão desse menino, Josué descreve detalhadamente os hábitos dos moradores dos mangues do Recife, as dificuldades de sobrevivência, além de comparar os comportamentos dos homens com os caranguejos, metáfora que Josué descreve melhor no que chamou de “Ciclo do Caranguejo”. Uma das letras do compositor Chico Science reforça a existência da metáfora: “Vi um aratu pra lá e pra cá Vi um caranguejo andando pro Sul Saiu do mangue, virou gabiru. Oh! Josué, eu nunca vi tamanha desgraça Quanto mais miséria tem mais urubu ameaça.” (SCIENCE, 1994)

O Diário de Pernambuco informa a respeito do lançamento do primeiro romance de Josué de Castro, além de caracterizá-lo como grande cientista e autor de uma obra traduzida em 25 diferentes idiomas, referindo-se à Geografia da Fome.

Figura 1: Nota do jornal que aponta a venda do romance. Fonte: HEMEROTECA DIGITAL Diário de



JOSUÉ DE CASTRO

Grande cientista, **PERNAMBUCANO**, autor da obra cultural brasileira mais comentada e discutida no mundo inteiro. Obra traduzida em 25 diferentes idiomas, com uma tiragem que já ultrapassou um milhão de exemplares!

LANÇA O SEU PRIMEIRO **ROMANCE:**

HOMENS E CARANGUEJOS

NCR$ 5,00

Procure êste livro na sua Livraria preferida. Não o encontrando, peça-o pelo Reembôlso Postal à

LIVRARIA BRASILIENSE

Rua Barão de Itapetininga, 99
São Paulo — SP

OUTRAS OBRAS DE JOSUÉ DE CASTRO:

	NCr$
— geografia da fome — 9.ª edição	8,00
— geopolítica da fome - 2 vols. - 7.ª edição	12,00
— documentário do nordeste — 3.ª edição	6,00
— ensaios de geografia humana - 4.ª edição	7,00
— ensaios de biologia social — 3.ª edição	7,00
— o livro negro da fome — 2.ª edição	5,00
— sete palmos de terra e um caixão — 2.ª edição	6,00

Vindo a São Paulo, não deixe de visitar a

LIVRARIA BRASILIENSE,

a mais completa da cidade!



Pernambuco. Recife, 14 de janeiro de 1968. N° 00010 (1)

Dialogando com Certeau e Chartier surgem algumas reflexões diante da imagem do homem-caranguejo construída por Castro, apesar dele nunca ter utilizado do termo "homem-caranguejo". Por isso, diante das representações literárias elaboradas por Castro, devemos ter cautela e um olhar direcionado as práticas cotidianas dos indivíduos que ele constrói.

Trajetória de Josué de Castro e as demandas sociais do movimento histórico no qual a obra foi publicada

Aos 56 anos, Josué viu seu nome na primeira lista dos cassados pelo governo militar. Tendo sido investigado pelo Departamento de Ordem Política e Social do governo brasileiro desde a década de 40, Josué era caracterizado nas fichas do DOPS como subversivo, pelos encontros de que participava. O golpe militar de 1964 interrompe a carreira de Josué de Castro, então Embaixador do Brasil junto à ONU, silenciando sua voz política no país.

Um tempo depois, após os Atos Institucionais, especificamente o AI-5, o seu nome passou a ser omitido, exceto se a citação fosse caluniosa. Ele foi para Paris e, em 1965, juntamente com outros estudiosos, criou o Centre International pour le Développment (CID). Em 1968, voltou a lecionar Geografia Humana, como professor associado ao recém-criado Centro Universitário Experimental de Vincennes (Universidade de Paris), o que fez até o seu falecimento.

Participou de um grupo de treze personalidades de reputação internacional, os Cidadãos do Mundo, reunidos a partir de 1967, para discutir a formação de instituições mundiais encarregadas de exprimir as reivindicações de todos os povos. Ou seja, no exterior, ele concedeu inúmeras entrevistas, escreveu artigos, realizou conferências, participou de simpósios, mas escreveu somente um livro no exílio: o romance Homens e Caranguejos.

A obra Homens e Caranguejos foi publicada em 1966, onde o Brasil passava pela ditadura civil-militar. O golpe de 1964 encerrou um período de agitação política



dos trabalhadores do campo, pois iniciou-se um período de forte repressão sobre os trabalhadores urbanos e rurais. As lutas do campo isolaram-se, mas fizeram enfrentamentos à política de estímulo ao grande capital e a falta de esperança de reforma agrária.

Consequentemente à ditadura militar, veio também, o auge de restrições à imprensa, acirrando a censura aos meios de comunicação e à produção cultural, privando a população da divulgação de notícias determinantes para promover nas massas uma análise crítica sobre a situação política e econômica do país. A censura começou a ser instituída logo após o golpe e foi se tornando mais intensa até 1968, quando foi decretado o Ato Institucional Nº 5 (AI-5) e a perseguição aos opositores do regime se tornou ainda mais violenta e constante.

Os Atos Institucionais são documentos oficiais produzidos pelos militares que vão estruturar o regime em termos institucionais, alterando a Constituição e possibilitando a criação de um aparato repressivo. A censura esteve presente em todas as formas de expressão que pudessem de algum modo contestar o poder vigente. Todos esses fatores explicam o fato das obras de Josué serem, muitas vezes, mais reconhecidas e conhecidas internacionalmente do que em seu próprio país.

Relação entre a atividade política e a produção literária de josué

“Só a fome continuava a mesma. [...] A fome foi crescendo na minha barriga vazia. A boca foi ficando cheia de uma saliva impertinente” (CASTRO, 2003, p. 48). As questões sociais e a literatura são discursos distintos, porém, almejam representar as experiências dos homens no tempo, fazendo, então, uma reflexão interdisciplinar. Josué, por meio da literatura, mostra uma realidade latente no cotidiano de muitas pessoas. Esse tema da fome falado por Josué, não é criação da imaginação, é a transposição da vida cotidiana de uma realidade [esquecida] mundial. Homens e Caranguejos apresenta uma obra literária não apenas com uma fundamentação literária, mas buscando outras áreas do conhecimento para explicar fenômenos que tematizam os romances de tensão crítica, de fundo social. Apenas desse romance foram retirados assuntos relacionados com os temas: fome, seca, migração rural, descaso do governo, nas esferas municipal, estadual e federal. A temática da fome está intimamente ligada em Homens e Caranguejos.



Josué e a fome

Josué de Castro mostrou ao mundo a dor da fome no Brasil, que infelizmente até hoje causa o sofrimento de milhões. O último relatório 'O Estado da Segurança Alimentar e Nutrição no Mundo 2018', da FAO, mostrou que 5,2 milhões de pessoas passam fome no País.

Além disso, outro ponto muito presente nas obras de Josué são os mocambos. Eles marcaram de forma irremediável a paisagem e a história da cidade do Recife. A estrutura dessas construções foi descrita por Josué como precária, além de não proteger os moradores das chuvas mais fortes. Contra a presença dessas moradias se estabeleceu um argumento que ia de questões de higiene e saúde à questões econômicas. O discurso contra o mocambo ia também conseguindo articular uma forma específica de relação do Estado com os moradores da denominada 'mucambópolis'. O mocambo vai aos poucos se transformando, naquele Recife das décadas de 1930 e 1940. Segundo o ex-governador, Agamenon Magalhães, o mocambo é, uma degradação social, alterando e contrastando a imagem da cidade.

A vida é feita de ciclos e a história da humanidade é uma história de resistência. Nós da História, às vezes, nos gabamos por acertar sobre o futuro observando o presente, porque alguma conjuntura semelhante já ocorreu no passado, mas, às vezes, também é absurdamente assustador ter esses presságios. A História não se repete assim tão levianamente, as pessoas podem mudar o curso das coisas. Nenhuma sociedade está presa à um destino inexorável, porém, quando percebemos essa proximidade é sempre assustador. O relatório da ONU, por exemplo, indica que a fome no Brasil, que antes diminuía, voltou a crescer, fazendo ser uma possibilidade o país de volta ao mapa da fome. Fome esta que Josué tanto denunciou.

Considerações finais

É necessário tomar-se conhecimento da realidade política, econômica e social do Brasil de ontem para que seja possível o entendimento do Brasil de hoje. Pode-se buscar essa compreensão nos escritos literários, romances de um período histórico e literário, uma vez que a literatura, partindo de um fato do cotidiano,



consegue transformá-lo em ficção, transpondo a realidade para o plano literário. Josué traz reflexões sobre a arte de viver e de contar a vida, narrando experiências – e tendo-as como parâmetros seu próprio existir. A noção de tempo de Koselleck resgata a concepção de Santo Agostinho, reafirmando que apenas o presente possui uma consistência antológica, mostrando que o passado e o futuro são realidades "virtuais", que existem apenas no presente, na forma de memória e de fantasia, respectivamente. Em outras palavras, o passado só existe como passado-presente e o futuro só existe como futuro-presente. A operação historiográfica está, também, no presente, ou seja, toda história é a história do tempo presente. O presente e o lugar social foram fundamentais para Josué, sendo refletidos na própria escrita dele.

Para examinar essas questões sobre a produção e a escrita dos acontecimentos, acredita-se na importância de entender o que se analisa com a pesquisa. O texto de Michel de Certeau fornece elementos importantes para a compreensão daquilo que o autor denominou de "operação historiográfica".

Encarar a História como uma operação será tentar, de maneira necessariamente limitada, compreendê-la como a relação entre um lugar, procedimentos de análise (uma disciplina) e a construção de um texto (uma literatura). É admitir que ela faz parte da "realidade" da qual trata, e que essa realidade pode ser apropriada "enquanto prática". Nesta perspectiva, gostaria de mostrar que a operação histórica se refere à combinação de um lugar social, de práticas "científicas" e de uma escrita. Essa análise das premissas, das quais o discurso não fala, permitirá dar contornos precisos às leis silenciosas que organizam o espaço produzido como texto. Com isso, Certeau mostra a importância de uma operação dita como histórica, devendo sempre levar em consideração o lugar ocupado, os seus meios, os seus métodos, e a compreensão da sua escrita.

Pode-se perceber, portanto a grande influência da literatura em sua trajetória intelectual e política e como a utilizava como meio de melhor comunicar as consequências dos erros governamentais.

Referências

AMORIM, Hélder Remígio de. **Um pedaço incomensurável: a trajetória intelectual e política de Josué de Castro.** 2016. 266 f. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Pernambuco, Recife.



BOURDIEU, Pierre. **A ilusão biográfica.** In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Morais. Uso e Abusos da história oral. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

BURKE, Peter. PALHARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. **Representando os trópicos: um retrato intelectual de Gilberto Freyre.** São Paulo: Editora UNESP, 2009.

CASTRO, Josué de. **Geografia da Fome. A Fome no Brasil.** Rio de Janeiro: Edições Cruzeiro, 1946.

CASTRO, Josué de. **Geopolítica da Fome.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1959.

CASTRO, Josué de. **Homens e Caranguejos.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

CERTEAU, Michel. **A Escrita da História.** Rio de Janeiro: Florense Universitária, 2002.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun/Roger Chartier.** São Paulo: Editora UNESP, 1998.

DOSSE, François. **O Desafio Biográfico. Escrever uma vida.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

FOUCAULT, Michel. **O que é um autor? In: Estética: literatura e pintura, música e cinema.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

FREYRE, Gilberto. **Manifesto Regionalista.** Recife, Fundação Joaquim Nabuco: Editora Massangana, 2016.

HEMEROTECA DIGITAL. **Diário de Pernambuco.** Recife, 14 de janeiro de 1968. N° 00010.

MONTENEGRO, Antônio. **História, metodologia e memória.** São Paulo: Contexto, 2010.

REZENDE, Antônio Paulo. **(Des)encantos Modernos: histórias da cidade do Recife na década de XX.** Recife: FUNDARPE, 1997.

REZENDE, Maria José de**. A Ditadura Militar no Brasil: Repressão e Pretensão de Legitimidade 1964-1984.** Londrina: Ed. UEL, 2001.